



Luiz Antônio/AE

Cabrera: apoio de parlamentares ligados ao setor agrícola e inimizades no governo

Cabrera ganha aliados nas votações

BRASÍLIA — O ministro da Agricultura, Antônio Cabrera, nunca pensou em ser político ou em exercer cargos públicos. Mas, em quase um ano de governo, esse paulista de São José do Rio Preto (SP), 29 anos, criador de búfalos, revelou-se um hábil articulador político. Por isso ganhou a confiança dos parlamentares ligados ao setor agrícola na Câmara — que sua assessoria estima em 250 —, mas também passou a ser visto quase como um adversário por alguns de seus colegas de governo, como a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, com quem freqüentemente está em desacordo. Zélia considera o comportamento de Cabrera “pouco convencional” para um ministro de Estado.

Cabrera afirma que seus movimentos no Congresso são conhecidos do presidente Fernando Collor. “Se ele pedir para eu parar, eu paro, pois antes de tudo eu sou um soldado do presidente”, diz. Ele também teve o cuidado de avisar de suas movimentações o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, que é oficialmente o coordenador político do governo.

Durante a tramitação do Plano Collor 2 no Congresso, Cabrera recebeu em média 20 parla-

mentares por dia em seu ministério. Não tem o que oferecer — “o ministério não tem dinheiro”, costuma dizer —, mas acha que a atenção aos parlamentares é o ponto de partida para estabelecer uma boa convivência com eles. “Nós o consideramos um bom aliado, mas ele não tem participação nas decisões do grupo”, observa Jonas Pinheiro (PFL-MT), um dos principais articuladores da Frente Parlamentar da Agricultura.

Pinheiro, na realidade, reduz por motivo tático o papel desempenhado pelo ministro na articulação da frente. Ele e outros deputados decidiram amenizar as informações sobre a participação de Cabrera para evitar que ele se exponha ainda mais dentro do governo, como aconteceu durante a votação do Plano Collor 2 — quando Zélia investiu contra o ministro chegando a chamá-lo de “leviano”.

Além de abrir as portas de seu ministério aos deputados, Cabrera colocou a infra-estrutura técnica e auxiliares a serviço da Frente. Também chamou para o ministério o ex-deputado Sául Queiroz, secretário-geral do PSDB, encarregado de melhorar as relações com os parlamentares.

As brigas de Cabrera com a

ministra Zélia têm origem na campanha eleitoral. Coordenador da campanha de Collor em São José do Rio Preto, o ministro preparou um comício rural, em outubro de 1989. Como notou que Collor, em seus programas de televisão, não falava da agricultura, resolveu, com o aval do primeiro-irmão do candidato, Leopoldo Collor, fazer uma cartilha com os “compromissos de reconstrução da agricultura”. Antes de Collor ir a Rio Preto, foram publicados trechos da cartilha, o que foi suficiente para a então assessora Zélia mandar dizer que os compromissos relacionados não constavam do programa de governo.

No comício, a equipe de Collor proibiu a distribuição de milhares de folhetos. Mas quando o candidato do PRN chegou, Cabrera reuniu coragem para falar sobre o que havia programado. Além da distribuição dos folhetos, ele organizaria a inauguração de uma placa de bronze, dizendo que naquele local o presidente assumira o compromisso de reconstrução da agricultura. Collor pediu um exemplar, leu, aprovou em discurso público e depois autografou o folheto, que hoje ornamenta a porta de entrada do gabinete do ministro, em Brasília. (R.C.)